

EDITORIAL

O I Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído foi organizado por Miguel A. Sattler em julho de 1990 na cidade de Gramado, Rio Grande do Sul. O evento foi promovido pelo Grupo de Conforto Ambiental da **ANTAC**. Este evento foi um marco histórico para os pesquisadores da área que até então não contavam com um fórum nacional de discussão, apresentação e publicação de trabalhos. A realização do 1º Encontro foi possível graças a um grande esforço de Miguel Sattler frente à "situação crítica" pela qual passava o país na época.

O II Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído se realiza em março de 1993, em Florianópolis, Santa Catarina. Quase três anos após o I Encontro infelizmente notamos que a "situação crítica" pela qual passava o país, mencionada por Miguel Sattler na saudação inicial do I Encontro ainda persiste, fazendo com que a realização deste II Encontro também apresente muitas dificuldades.

A área de Conforto Ambiental pode ser subdividida em térmica, lumínica, acústica e qualidade do ar, apresentando uma interseção significativa com a área de ergonomia, a qual se ocupa das características dos usuários, suas tarefas e atividades em relação ao espaço ocupado. A realização do II Encontro é uma promoção coletiva da ANTAC, SOBRAC e ABERGO, congregando desta forma as principais associações brasileiras ligadas à área.

Em uma breve análise histórica da área de Conforto a nível mundial notamos que a preocupação com a adequação do ambiente construído ao clima local é muito antiga e pode ser observada em textos de Sócrates (470-399 A. C.). O estudo de edificações vernaculares ao redor do mundo demonstra claramente esta preocupação. Entretanto, o grau de conforto obtido era limitado pelas soluções passivas a nível de edificação e soluções simples de aquecimento. Com o advento dos equipamentos mecânicos para a climatização de ambientes, teve início a busca do "ambiente interno perfeito", totalmente independente do meio ambiente externo. A crise de energia dos anos 70 demonstrou que este "ambiente interno perfeito" custava caro, dando início à preocupação com o uso racional de energia. Mais atenção passou a ser dada à isolamento térmico, sombreamento e aproveitamento de iluminação natural, numa preocupação de trabalhar com o clima. Nos anos 80 constatou-se o surgimento da preocupação com os "prédios doentes" - prédios concebidos para proporcionarem condições ótimas de conforto, nos quais, infelizmente, os ocupantes não se sentem bem. Aparentemente, o ser humano não

gosta da total desvinculação com o ambiente externo. Esperar-se-ia que os avanços tecnológicos deveriam conduzir a um aproveitamento mais inteligente das variáveis ambientais. Infelizmente, não é isto que tem acontecido. Teoricamente, as riquezas tecnológicas deveriam proporcionar oportunidades ilimitadas para a otimização de soluções de projeto, através do aproveitamento consciente do meio ambiente natural, para a criação de espaços edificados confortáveis com o mínimo uso de fontes de energia não-renováveis. Entretanto, a disponibilidade de opções modernas em termos de estruturas, concreto protendido, vidros, novos materiais de construção e revestimento, aliadas a dispositivos analíticos revolucionários, como a simulação e visualização gráfica através do computador, criaram virtualmente opções ilimitadas para o projeto do ambiente construído. No uso desta infinidade de soluções, questões e problemas extremamente significativos permaceram sem identificação e solução.

Opções ilimitadas exigem um julgamento cuidadoso na seleção da correta resposta aos diversos objetivos; os problemas precisam ser corretamente definidos - um processo que tem sido enormemente negligenciado. A era do "mestre sabe-tudo" já foi ultrapassada pelo grupo de especialistas multidisciplinar. A matriz de resposta para as diferentes, mas interrelacionadas questões de projeto, deve ser coordenada para, ao invés de produzir resultados superpostos, produzir um resultado integrado. Este caráter de integração propicia o preenchimento de uma lacuna dando a devida importância ao fator humano no projeto do ambiente edificado, obtendo com isto uma maior produtividade dos ocupantes em ambientes comerciais e industriais.

Quanto ao setor residencial, a realidade brasileira destoa muito da dos países desenvolvidos. Frente a esta realidade, a atuação dos projetistas deve ser diferenciada devido à limitação dos recursos disponíveis, principalmente na área de habitação popular. Entretanto, constata-se de norte a sul no Brasil verdadeiras barbaridades nas quais os ocupantes são expostos a situações extremas de desconforto, que poderiam ser perfeitamente evitadas.

A normalização brasileira na área de desempenho térmico e uso racional de energia em edificações começa a ser desenvolvida e terá que levar em conta estas duas realidades distintas.

Sem dúvida temos um longo caminho a ser trilhado no Brasil e uma adequação da formação profissional de engenheiros civis e arquitetos se torna fundamental para

que possamos avançar. Encontros como este, certamente contribuirão para uma maior conscientização dos profissionais envolvidos.

Os anais deste II Encontro contam com três palestras plenárias nas áreas de térmica, lumínica e ergonomia escritas por pesquisadores convidados do exterior. Numa fase inicial de seleção foram aceitos 98 resumos. A comissão técnica recebeu 64 trabalhos, dos quais 49 foram selecionados para publicação e encontram-se aqui divididos nas áreas de térmica, iluminação, acústica e ergonomia.

Gostaríamos de agradecer aos autores, revisores e a todos que contribuíram para a edição destes anais.

Florianópolis, março de 1993.

Roberto Lamberts

Leila Amara; Gontijo

Samir N. Y. Gerges

Paulo Cesar Philippi

Fernando O. R. Pereira